

# Fantoches ecológicos viram arma contra miséria

*Bonecos feitos pela carente comunidade de Superagüi fazem sucesso até na Europa*

LIANA JOHN

**N**AZARÉ PAULISTA – A história começou como uma brincadeira nas oficinas de educação ambiental do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) para crianças da vila de Superagüi, no litoral do Paraná. Fantoches de feltro foram desenhados e produzidos pelas educadoras para representar duas espécies locais ameaçadas de extinção, o mico-leão-da-cara-preta e o papagaio-de-cara-roxa.

Mas logo as mães das crianças se juntaram às educadoras, dando início a uma oficina de fabricação de fantoches. O dinamarquês Bengt Holst, que estava visitando o Parque Nacional de

Superagüi, ali ao lado, levou os brinquedos para a Europa e acabou encomendando mais 4 mil micos e papagaios de feltro. Entregues no segundo semestre de 2002, os fantoches foram colocados à venda nas lojas dos zôos de Copenhague, na Dinamarca, e Dublin, na Irlanda,

despertando o interesse de lojas na Espanha e na França.

A brincadeira se transformou num plano de negócios sustentáveis, que aumentou a renda das mulheres de Superagüi em 375%. E não acabou aí: em março, o IPÊ entrega o primeiro pedido de uma loja brasileira, a Originalis, do Rio. Neste meio tempo, quatro das integrantes da oficina foram ao Pontal do Paranapanema, no oeste de São Paulo, para ensinar as mulheres de assentamentos vizinhos ao Parque Estadual do Morro do Diabo a fabricar fantoches. Lá, os animais retratados serão mico-leão-preto, onça-pintada, tucano e anta.

“Cada fantoche é vendido com uma etiqueta contendo in-

formações sobre a espécie, seu habitat e a ameaça de extinção, por causa da fragmentação da mata atlântica”, explica Suzana Pádua, presidente do IPÊ e uma das criadoras dos bonecos.

Mas a melhor parte da história é que o conhecimento sobre as espécies locais e a descoberta do orgulho de morar numa região privilegiada em biodiversidade aumentaram as chances de sobrevivência dos animais de carne e osso, por causa da diminuição do número de pes-



Grupo monta fantoches: mico-leão-da-cara-preta e o papagaio-de-cara-roxa foram os primeiros

soas envolvidas no tráfico de animais silvestres. Prova disso é que na Ilha de Superagüi, onde o IPÊ desenvolve seus projetos há 7 anos, a taxa de crescimento da população de micos-leões-de-cara-preta é de 6,3%, enquanto no continente a população encolhe 2% ao ano.

**Espera** – Não é à toa que os moradores de Superagüi aprenderam a importância do chamado comércio sócio e ambientalmente justo e já repetem seu caso de sucesso para os turistas. Algumas crianças até ensaiam

teatrinhos com os fantoches para os visitantes.

E mais 25 mulheres já entram na fila para produzir fantoches também. Como acontecia antes com as 8 pioneiras, hoje elas só têm com a minguada renda que recebem como descascadoras de camarão, atividade fadada a desaparecer. Cada quilo vale R\$ 0,80 e uma descascadora rápida faz cerca de R\$3,00 por dia. Já um fantoche sai por R\$3,00 e cada mulher faz, em média, 25 deles por dia.

“Só aí dá para ver que melhorou muito a nossa vida”, conta

Denise Corrêa de Ramos, de 31 anos, que virou uma espécie de gerente da oficina. Os fantoches também são vendidos na ilha, a R\$ 12,00 cada. Num feriado como o de carnaval, saem de 80 a 100 bonecos.

**Novas parcerias** – Para a dona da Originalis, Karina Araújo, a encomenda dos fantoches do IPÊ não é uma simples compra, é o início de uma parceria. A loja vende produtos de aromaterapia e artesanatos diversos e já tem acordos com nove outras organizações não-gover-

Divulgação

namentais e centros de artesãos, seguindo o princípio da economia sustentável.

“Em alguns casos, ajudamos com o design, oferecemos suporte financeiro para a compra da primeira partida de matéria-prima, fazemos os cálculos necessários, desenvolvemos um plano de negócios e garantimos a compra de produtos como os fabricados pelos presidiários do grupo Mensageiros do Vento”, explica Karina. Os fantoches ficarão no cantinho das crianças, ao lado das bonecas e dos carrinhos feitos pelo grupo da Favela Monte Azul, de São Paulo.

“O êxito do projeto demonstrou o potencial de multiplicação para as outras regiões, abrindo a perspectiva de salvar outras espécies ameaçadas de extinção”, diz Andréa Peçanha, responsável, no IPÊ, pelos contatos comerciais e desenvolvimento de novos produtos para aumentar a renda de comunidades do entorno de remanescentes de mata atlântica.

Além de Superagüi (PR) e do Pontal do Paranapanema (SP), ela já estuda transformar o peixe-boi num símbolo para as comunidades próximas da Estação Ecológica de Anavilhanas, no Amazonas. Em Nazaré Paulista (SP), onde fica a sede do IPÊ, as mulheres estão iniciando a produção de sacolas de pano, com especial ênfase no macacão sauí, espécie encontrada na região. (Agência Estado)